

Sobre Ovos e Coelho de Páscoa

Por Presb. José Roberto Costanza

A história dos ovos de páscoa e dos coelhos é relativamente longa e interessante. Há registros de que no Egito e na Pérsia os ovos eram considerados símbolos da fertilidade e, pintados, eram dados de presente nas comemorações do início da primavera.

Ora, sabemos que a Páscoa cristã foi “amarrada” ao Equinócio de Primavera, em Nicéia, 325 d.C. Logo, considerando que na Páscoa, pelo menos inicialmente, a comemoração maior era referente à Ressurreição de Jesus; e, considerando, que ressurreição lembra nascimento, por sincretismo, houve uma natural aproximação entre ovos e Páscoa. Os cristãos primitivos da Mesopotâmia foram os primeiros a usar ovos coloridos na Páscoa.

Na Alemanha, a tradição cristã da Páscoa como a festa da ressurreição de Cristo, em que a morte não é vista como o fim e sim como o recomeço de uma nova vida, está ligada a elementos da mitologia germânica. Segundo Jacob Grimm, um dos famosos irmãos Grimm, o próprio termo alemão, Ostern, deriva de Ostara, a deusa germânica da primavera. Do termo alemão surgiu Easter, páscoa em inglês.

"A primeira das grandes festas germânicas da primavera, representando a vitória do sol aquecedor sobre as trevas e o frio do inverno, é Ostern. Ela somente foi equiparada à festa de ressurreição de Cristo pela Igreja na Idade Média", diz Grimm em seu livro sobre a mitologia germânica.

O costume de se procurar os ovos de Páscoa no jardim também estaria baseado na crença dos germanos e de outros povos antigos de que o ovo é o símbolo da fertilidade e da nova vida em crescimento. O coelho, símbolo de fertilidade na mitologia grega, é o animal sagrado atribuído tanto a Afrodite, a deusa do amor dos romanos, como a Ostara.

Além das origens mitológicas, o coelho é um dos primeiros animais que saem das tocas ao chegar a primavera, após um longo inverno de recolhimento.

Ora, no hemisfério norte, a Páscoa ocorre nos primeiros dias da primavera (para nós que habitamos no hemisfério sul, a Páscoa é no outono) e os coelhos logo se põem a correr pelos campos verdes, repletos de flores, dando, portanto, a idéia de renovação da vida, que parecia estar morta durante o inverno.

O que mais interessa religiosamente, é que os coelhos são animais que se reproduzem com extrema facilidade e em grande quantidade. Vem daí a identificação com uma vida abundante, um processo de restauração, um ciclo que se renova todos os anos.

A tradição do coelho da Páscoa foi trazida à América por imigrantes alemães em meados de 1700. O coelhinho “visitava” as crianças, escondendo os ovos coloridos que elas teriam de encontrar na manhã de Páscoa. Esses ovos coloridos

eram feitos de doce folheado e açúcar candy. Contudo, o chocolate entrou na história também por uma atração sincrética, posto que é originário na América Central e México, sendo considerado sagrado pelas culturas maia e asteca. Tendo chegado na Europa no século XVI, logo se divulgou que possuía poderes afrodisíacos. Tal característica pode ter levado à associação com a fertilidade do coelho. Com o advento da Era Industrial e o aperfeiçoamento e comercialização generalizada dos produtos derivados do chocolate, houve um grande interesse comercial em “achocolatar” os ovos trazidos pelos coelhos na Páscoa.

No Brasil, tradição do coelho e dos ovos de Páscoa data do início do século XX. Foi trazida, em 1913, por imigrantes alemães.

Por Presb. José Roberto Costanza

Professor de História Eclesiástica do Seminário Simonton
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
jrcostanza@hotmail.com



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958